MOISÉS BEZERRIL

A Unção com Óleo

E A EXEGESE DE TIAGO 5:14



MOISÉS BEZERRIL

A Unção com óleo

E A EXEGESE DE TIAGO 5:14

A Unção com Óleo e a Exegese de Tiago 5:14

Autor: Moisés Bezerril

Direitos reservados à Editora © Os Puritanos 2020

1ª Edição — agosto de 2020

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, sem autorização por escrito dos editores, exceto citações em resenhas.

Editor: Manoel Canuto
Revisor e Designer: Heraldo Almeida

CONTEÚDO

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES
2. A NATUREZA DO PROBLEMA
3. A UNÇÃO COM ÓLEO NA HISTÓRIA DA IGREJA
4. O USO SUPERSTICIOSO DO ÓLEO
5. CONCLUSÕES PRELIMINARES
6. A EXEGESE DE TIAGO
7. IMPLICAÇÕES DE “ALEIFW” E “CRIW”
8. O USO DE “EUCHÊ” EM LUGAR DE “PROSEUCHEOMAI”
9. O CONTEXTO DE TIAGO 5:14
10. A FUNÇÃO SACRAMENTAL DO ÓLEO
11. O ÓLEO OCUPA UM LUGAR SACRAMENTAL?
12. A CERTEZA DE TIAGO À ORAÇÃO DA FÉ
13. CALVINO E A UNÇÃO COM ÓLEO

SUMÁRIO

Considerações Preliminares 7

A Natureza do Problema 9

A Unção com Óleo na História da Igreja 11

O Uso Supersticioso do Óleo 19

Conclusões Preliminares 21

A Exegese de Tiago 25

Implicações de "*Aleifw*" e "*Criw*" 29

O Uso de "*euchê*" em Lugar de "*Proseucheomai*" 31

O Contexto de Tiago 5:14 35

A Função Sacramental do Óleo 43

O Óleo Ocupa um Lugar Sacramental? 47

A Certeza de Tiago à Oração da Fé 51

Calvino e a Unção com Óleo 59

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

1.O tema da unção com óleo tem sido largamente explorado por várias escolas de interpretação do Novo Testamento, e tem sido debatido entre “scholars”, críticos e teólogos sistemáticos. Então, não é um tema novo. Muitos pastores no nosso meio, inclusive reformados, têm usado dessa prática. Contudo, há necessidade de um esclarecimento quanto à natureza dessa unção com óleo, como era feita e em que casos era usada. Isso porque estamos vivendo em uma época em que o tema caiu em um extremo semelhante ao da Igreja Romana, que defende a prática da unção com óleo, fundamentada em Tiago 5, como um sacramento. Há muitas igrejas e pastores sérios que estão caindo no mesmo erro dessa igreja, especialmente por contarem com o movimento de sinais e maravilhas que está a seu favor e que vai além do que ensina a Igreja de Roma.

Confesso que, ao dar início a este estudo, senti-me um tanto quanto inseguro, duvidando que o Sistema Presbiteriano pudesse resistir ao escrutínio detalhado e rigoroso das Escrituras. Mas, antes de terminar as pesquisas, minhas dúvidas tinham sido desvanecidas diante de uma investigação cabal das evidências bíblicas. No decorrer das pesquisas, li todos os escritos dos defensores mais capacitados dos sistemas rivais. Não é de admirar, pois, que James Begg1 descreveu o Sistema Presbiteriano como sendo “muito consistente e satisfatório”.

2. Muitas interpretações têm sido um mero produto da influência pagã que sutilmente têm ganhado espaço na igreja cristã, mas sem qualquer solidez exegética. Outras interpretações fluem de um transbordamento de ideias pentecostais para dentro do texto bíblico, revelando total ignorância do contexto e da teologia bíblica sobre o assunto.

3. Parece que, com o avanço do movimento de sinais e maravilhas, certos pregadores se sentem forçados a “acreditarem” nesses movimentos e em suas ideias, por serem considerados “radicais”, caso demonstrem opinião oposta, ou mesmo “incrédulos e carnais” se não crerem na “terceira onda do Espírito”. Muitos estão afirmando que o que se faz no movimento de sinais e maravilhas está correto, caso contrário não seria espiritual. Se formos contra

esses movimentos, somos chamados de não espirituais e radicais. Paradoxalmente, hoje se emprega o termo “radical” para quem não é pentecostal. Nesse caso, a Confissão de Fé de Westminster seria radical, e a própria história da Igreja Presbiteriana também.

4. Uma grande parte das pessoas que adotam uma interpretação diferente para o óleo da unção de Tiago 5 está ligada ao movimento de sinais e maravilhas. Temos pregadores reformados que usam a unção com óleo, mas na grande maioria são pessoas envolvidas com o movimento de sinais e maravilhas. Isso não quer dizer, no entanto, que vamos apresentar um trabalho com vistas a refutar ideias em virtude de seus defensores. Nosso objetivo é fazer uma abordagem histórico-exegética do texto, de tal maneira que nos forneça diretrizes certas para o uso ou desuso da unção com óleo.

James Begg foi um ministro da Igreja Livre da Escócia que serviu como Moderador da Assembleia Geral entre 1865 e 1866.

CAPÍTULO 2

A NATUREZA DO PROBLEMA

A natureza do problema, o qual pretendemos analisar e investigar à luz da história e exegese do Novo Testamento é:

a) É a unção com óleo um mandamento para a nossa igreja e nossa cultura dos dias atuais? Esta é a primeira pergunta que se faz porque o texto é um mandamento, e todo mandamento se dirige ao povo de Deus. O texto de Tiago 5 estaria falando para nós hoje?
b) O que representa o óleo?
c) Qual a sua importância para a cura nos dias modernos?
d) Qual a sua verdadeira natureza e função no processo da cura?
e) Quem deverá ministrar o óleo?
f) A que tipo de doente deve ser ministrado?
g) Como deverá ser ministrado?

A problemática se estabelece não somente porque a Igreja moderna faz uso do óleo, mas porque a unção com óleo também tem sido vista como um ato de poder. Eu não teria problema algum com esta questão se as pessoas que administram o óleo entendessem a natureza neo-testamentária do óleo. O problema se estabelece porque se tem desvirtuado o verdadeiro sentido do óleo desde a época pós-apostólica. Os apóstolos não erraram quanto ao uso do óleo, mas a Igreja errou e chegou no século XII ao extremo da prática sacramental da extrema-unção. Desde essa época o uso do óleo tem sido simplesmente uma repetição de erros doutrinários da Igreja ao longo da história. A unção com óleo tem sido vista como um ato de poder em si mesmo, não da oração, e é chamado de “ungido” ou “consagrado”, quando muitos pregadores têm orado sobre ele, para que, ao estilo das religiões pagãs, esse elemento venha a desencadear um poder curador sobre a pessoa ungida. Essa é a versão mais popular do óleo. Por que se dá esta visão?

Nosso objetivo, portanto, é desmistificar esse suposto uso do óleo no Novo Testamento, fornecendo razões para uma teologia sadia da oração e da cura. Vejamos, nos próximos capítulos, alguns argumentos importantes sobre o tema.

CAPÍTULO 3

A UNÇÃO COM ÓLEO NA HISTÓRIA DA IGREJA

A unção com óleo era uma prática costumeira em Israel (Is 1:6; Lc 10:34), e esta era de duas naturezas: **1**) Unção para fins culturais; **2**) Unção para fins sacramentais. Havia a unção destinada exclusivamente à higiene, o cuidado com o corpo, à beleza, para algumas enfermidades e para embalsamar os mortos. Esse é um ponto que vamos desenvolver mais adiante, quando falarmos de duas palavras gregas muito bem usadas na Septuaginta: ἀλείφω (*Aleifw)* (tipo de unção cultural, ligada aos costumes) e χρίω (*Criw)* (unção religiosa, sacramental, de onde se origina a cerimônia de crisma da Igreja Católica — χρίσμα (*Chrisma)*, se refere a unção que era usada para ungir profetas, sacerdotes e reis porque tipificava exatamente a comunicação do Espírito de Deus para tais ofícios). Ser Rei em Israel era ser capacitado pelo Espírito de Deus. Por isso tinha de ser ungido, pois a unção representava a posse do Espírito Santo para desempenhar aquela função.

As propriedades medicinais do óleo foram louvadas por Filo (Somn. M. i. 666), Plínio (N.H. xxiii. 34-50) e Galeno (Med. Temp. bk. Ii.). Os judeus, como também outros povos antigos, usavam o óleo como remédio em aplicações terapêuticas; mas, geralmente, devido à falta de conhecimento científico, a eficácia do óleo estava estritamente relacionada à mente do paciente. Muita coisa que se inventou depois com respeito ao óleo fez com que esta substância se tornasse um elemento místico, mesmo antes do cristianismo. Em Israel se fazia um uso sadio do óleo, mas o paganismo usava-o de forma distorcida e mística. A igreja apóstólica fazia uso correto, mas o paganismo que se introduziu nela distorceu o seu uso e isso vem até os nossos dias.

O testemunho dos escritos rabínicos, quanto ao uso do óleo, é abundante, provando que a prática da unção terapêutica em Israel era algo praticado em larga escala. Nos escritos dos rabinos, há muitas ordens quanto ao uso do óleo e em quais enfermidades ele deveria ser usado.

Nesse texto, vemos claramente que a unção com óleo é acompanhada de cura miraculosa em resposta à oração; o mesmo

que acontece em Marcos 6:13. Estes são os dois únicos textos — Mc 6:13 e Tg 5:14-15 — em todo o Novo Testamento que associam a unção com óleo à cura divina.

O Evangelho de Marcos não faz mais nenhuma referência à unção com óleo. Mesmo no final do Evangelho, quando Jesus faz todas as promessas para a era apostólica (Mc 16:18), a unção não é citada alí. Em todas as recomendações de Jesus no final do Evangelho de Marcos não encontramos nenhuma para que se derrame óleo sobre os enfermos afim de que eles sejam curados; não é uma instituição de Jesus, mas também não foi contra Sua vontade.

No texto de Marcos 6:13, não houve nenhuma instituição formal do ato da unção, o que parece também não contrariar a vontade de Jesus. Mesmo não sendo ordenado por Ele, foi permitido ungir os enfermos. Nosso entendimento desse texto é que a unção com óleo foi um apêndice cultural que transbordou para a pregação do evangelho porque serviu muito bem como credenciais apostólicas. Nós não vamos encontrar nenhum uso sacramental dessa unção. Isso porque o verbo grego não é o mesmo para unção sacramental e também porque não há nenhuma ordem em nenhum outro lugar do NT para se usar o óleo. Outra razão é porque o mandamento de Tiago quanto à unção com óleo parece ser muito inclusivista. Por isso tende a ser um mandamento quase específico por causa de uma situação específica na Igreja.

Se Jesus não instituiu a unção com óleo, se os apóstolos não colocaram na lista dos dons (de cura) e se foi usado por Tiago, que é de uma época muito remota envolvendo uma abordagem judaica do Evangelho, esse argumento do transbordamento desse elemento cultural para a credencial apostólica se encaixa bem. Como aconteceu esse transbordamento cultural para uma dimensão espiritual? Como é que o óleo deixa de ser símbolo de cura? Toda vez que aparece a palavra “ungir” relacionada a cura divina, sempre é o termo usado para a unção cultural. Não é unção sacramental. Unção sacramental só é encontrada em 1 João quando ele se refere à unção do Espírito. Também é usada quando se refere a unção de Jesus, a unção de profetas, mas quando se refere a enfermidades não há a unção sacramental e sim unção terapêutica (cultural). Mas

como pode ser unção terapêutica se os apóstolos estavam ungindo para curar enfermidades incuráveis? Como pode ser? Aqui podemos ver que o óleo saiu dessa dimensão terapêutica e passou a outra dimensão que era simbolizar uma operação divina.

O ponto é que os apóstolos fizeram uma coisa que todo mundo fazia naquela época (dentro do contexto primitivo e judaico da evangelização apostólica), com uma única diferença: As pessoas que ungiam não conseguiam curar enfermidades graves com óleo, pois, ao que nos parece, o óleo somente resolvia problemas muito simples, como lesões superficiais leves. Na parábola do Bom Samaritano o texto descreve um homem caído, semimorto, por ter sido surrado violentamente. Mas o samaritano que passava unge-o com óleo e vinho. Os apóstolos fizeram uma coisa que era comum na época. Dentro do contexto primitivo judaico da evangelização não se vê isso (Igreja primitiva). E dentro do contexto gentílico não vamos mais encontrar unção com óleo. Com Tiago vemos que o contexto é puramente judaico. Sabemos como Lutero (erradamente) repudiou a Epístola de Tiago porque era muito judaica. A sua linguagem é muito judaica por causa da época em que foi escrita e os temas são abordados numa perspectiva judaica, mas é verdadeiramente cristã. O que diferenciou os apóstolos é que eles faziam coisas que as pessoas não conseguiam fazer. As pessoas que ungiam com óleo não conseguiam curar enfermidades graves. Esta é a grande diferença. Mas os apóstolos chegavam, e de posse do óleo, ungiam os doentes graves e eles se levantavam. Porém todos sabiam que não tinha sido o óleo em si. Certamente os apóstolos viram pessoas ungidas com óleo à beira da morte, mas ungiam novamente e elas eram curadas. A nosso ver, o óleo só resolvia problemas muito simples.

Imaginemos aquela época onde não se tinha nenhum recurso médico e pessoas que estavam doentes e morrendo de enfermidades variadas, mesmo sendo ungidas com óleo, pois era uma unção cultural. Porém, o mesmo óleo que era usado por qualquer pessoa, quando era usado pelas mãos dos apóstolos, realizava a cura, de fato.

Se formos olhar o texto de Marcos 6:3 veremos o mesmo termo, “terapia”, usado para cura ordinária, cura do cotidiano, e o verbo

Aleifw, que é usado para essa unção medicinal. Esse é o grande mistério. Os apóstolos fizeram uma unção nos moldes "terapêuticos", mas, na verdade, não era terapêutico, porque o mecanismo de ação do óleo não era medicinal, nesse caso, e não tinha condições de ser, pois muitos eram portadores de doenças graves, incuráveis. Tiago recomenda que se tome uma conduta cultural, medicinal, mas que sejam chamados os presbíteros. Por quê? Não poderiam chamar um médico (alguém que fizesse tratamento medicinal na época) ou qualquer outro crente? Por que os presbíteros? Porque o ato é cultural, mas o fenômeno é espiritual.

O óleo funcionou como uma credencial apostólica porque os apóstolos ungiam e curavam toda espécie de enfermidade. Eis o transbordamento do elemento cultural para o símbolo do que Calvino chama de sacramento. Não creio que seja bom usar o termo "sacramento" porque pode confundir-nos. O que Calvino estava fazendo era usar o termo "sacramental" para a época apostólica e não para os dias de hoje, pois é isso que a Igreja Romana faz. Essa é a principal razão porque o óleo aparece no cenário sem nenhuma menção prévia ou instituição por parte de Jesus. Não é estranho que um elemento ordenado à Igreja tenha surgido sem nenhuma instituição? O contrário se vê em Corinto, quando a igreja está cheia de normas, mas que são claramente ordenadas. No entanto, Tiago estabelece uma ordem não instituída. Tiago está falando de uma prática comum. É como se ele dissesse: "Irmãos, se há alguém doente no meio de vós, então faça o que temos feito há muito tempo, faça unção com óleo". Lembre-se que os apóstolos fizeram isso antes de Tiago (Mc 6:13). Mas eles fazem ali algo que não foi uma instituição, nem um exemplo de Jesus. A única explicação para esse elemento que entra como credencial apostólica é que ele foi usado pelos apóstolos para mostrar que aquela medida natural tomada costumeiramente pelas pessoas não funcionava, mas os apóstolos, como eram enviados de Deus, tinham poder de curar os enfermos em nome de Jesus (por isso a unção é em nome de Jesus) e faziam o óleo funcionar, pois os homens normais, sem credenciais apostólicas, não podiam fazer. O óleo funcionava com

os apóstolos, mas não com os outros. Daí, o óleo tornar-se símbolo de cura.

Em Atos dos Apóstolos também não aparece nenhum caso de unção com óleo. Mesmo em curas como em Atos 28:8 (quando Paulo cura o pai de Públio), não está presente o óleo como elemento crucial para a realização de curas miraculosas. Paulo ora, põe a mão sobre ele e o cura. O sinal não é o óleo e sim as mãos. Se o óleo fosse um elemento de extrema importância Jesus tinha dito: “Derramai óleo sobre os doentes”. Mas em lugar disso, Jesus manda colocar as mãos.

Em Corinto (1 Co 12:9), havia “dons” de cura (o termo está no plural), paralelamente às outras manifestações do Espírito Santo, mas nada é dito ali sobre o modo como operavam esses dons. Em nenhum lugar Paulo dá ordens para que se use o óleo nestas curas miraculosas. Parece que não era algo de tão elevada importância para o exercício dos dons de cura, mesmo tratando-se da era apostólica.

Irineu (ii. 32. 4) — saindo da época apostólica — que afirmou ainda estar vivendo numa época em que poderes miraculosos ainda existiam e podiam ser testemunhados, nada fala sobre o uso do óleo nas curas miraculosas de seus dias, mas apenas da imposição das mãos sobre os enfermos.

Orígenes (Hom. Ii em Levit. 4), comenta o texto de Tiago 5:14, mas trata apenas da questão do perdão dos pecados, nada mencionando sobre o uso do óleo.

Agostinho (Civ. D. xxii. 8), na sua longa lista de milagres contemporâneos, somente menciona o óleo uma única vez.

Tertuliano (ad Scap. 4), diz Sétimo Severo, foi curado com óleo pelo cristão Prócolo.

No Evangelho Apócrifo de Nicodemus, Sete pede por óleo da árvore da vida para curar seu pai Adão, mas recebe a resposta de que aquilo é impossível.

Ireneu (i. 21. 5, cf. Agostinho, Haeres. 16, Epifânio Haeres. xxx. 2) afirmou que a seita gnóstica dos Heracleonitas e os Marcosianos ungiam os mortos com óleo e água para protegê-los dos maus espíritos que rodeavam a terra.

Inferimos das palavras de Crisóstomo (Hom. 3 em Mt), o qual magnificava a santidade dos vasos da igreja, que o óleo para ungir os doentes deveria ser retirado das lâmpadas que alumiavam o templo, prática essa usada ainda hoje na Igreja Grega. Ainda Crisóstomo (Hom. Em Mart.) recomenda ungir um bêbado com óleo retirado da tumba dos mártires cristãos, como remédio para curar a bebedice.

Os Nestorianos misturavam óleo e água com algumas relíquias de alguns santos. Caso estas não fossem encontradas, usava-se poeira de uma cena de martírio e ungia-se o doente com tal mistura, (Neale, l.c. p. 1036, Greg. T. Mir. Mart. I. 2).

Na verdade, durante os primeiros séculos da igreja, parece não haver muita ênfase no óleo como tendo uma eficácia espiritual, como veio a ser concebido mais tarde.

A partir disso, entendemos que, pelo fato do óleo ter cessado sua eficácia como elemento efetivo na cura dos doentes, alguns se empenharam em acrescentar uma virtude ao óleo (isso acontece nos dias de hoje), ou por consagração especial, ou combinando-o com relíquias de santos martirizados, enquanto que outros, como os Heracleanos e a Igreja de Roma, em tempos posteriores, afirmaram que o óleo retinha uma eficácia espiritual a ponto de perdoar pecados. Não há nenhum registro, durante os oito primeiros séculos da história da igreja, de exemplos do óleo com uma eficácia tão grande, podendo ser utilizado até para moribundos (Extrema Unção no século XII), exceto entre os Heracleanos.

O mesmo uso terapêutico combinado com certos ritos religiosos continuou nos primeiros séculos da igreja, como também entre os hebreus, mas que deve ser cuidadosamente distinguido do verdadeiro simbolismo encontrado no Novo Testamento. Tiago fala que a “oração da fé salvará o enfermo”, não o óleo. Não há nada de óleo ungido ou consagrado. Os presbíteros usavam uma medida cultural terapêutica simples, mas curavam doenças graves. Aí está o extraordinário, a credencial apostólica; algo que ninguém fazia (com algumas raras exceções, sob a égide dos apóstolos), nem faz ainda hoje. Nunca os apóstolos tornaram o elemento em algo místico. Isso é antibíblico.

CAPÍTULO 4

O USO SUPERSTICIOSO DO ÓLEO

Cirilo de Alexandria (De Adorat in spir. Et ver. Vi, p. 211) e Cesário de Arles, alertavam o povo contra encantamentos e mágicas, usando exatamente o texto de Tiago 5:14, dizendo que o poder não vinha do óleo. Óleo é apenas sinal. Deduz-se, portanto, que a Igreja já enfrentava problema com aqueles que queriam ver algo supersticioso no óleo. Alguns chamam a isso de superstição eclesiástica.

A partir do quarto século em diante, a liturgia da igreja Grega e outras liturgias orientais já continham fórmulas para consagrar o "óleo santo", do que um bom exemplo é "O Sacramentário de São Serapião" (quarto século, Egito).

As formas latinas (igreja ocidental) eram da mesma natureza das gregas. Nessa época, o óleo consagrado por um bispo ou por um santo milagreiro, era permitido ser administrado a qualquer pessoa sem distinção. A carta do Papa Inocêncio I para Decentius, datada de 19 de Março de 416, diz que "os cristãos doentes têm o direito de serem ungidos com 'o santo óleo da crisma', o qual, sendo consagrado pelo bispo, não é legal apenas para os bispos, mas para todos os cristãos que precisem dele para suas próprias necessidades, bem como para seus servos". Já no século quinto se vê o óleo tendo o seu uso mistificado.

Antes do fim do oitavo século, contudo, uma mudança ocorreu no Ocidente, pela qual o uso do óleo foi transformado para unção daqueles que estavam para morrer, não como um meio para recuperar o doente, mas com vistas à remissão dos pecados daquele que está morrendo. Não sabemos quanta influência do meio pagão forçou a igreja do ocidente à tamanha mudança. A Igreja já estava demonstrando toda sua corrupção doutrinária.

Sentia-se que as observâncias religiosas tinham um propósito espiritual. Mas retendo-se o elemento físico e dando-lhe uma eficácia espiritual *ex opere operato*, acontecia assim uma intrusão do físico na esfera do religioso. Agora, os cristãos que usam coisas ou substâncias para a fé, estão fazendo uso mágico dessas substâncias.

O sacramento da Extrema Unção é mencionado pela primeira vez entre os sete sacramentos da Igreja no século XII. Foi discutido

e decretado no Concílio de Trento (na pós-Reforma) que “a santa unção do doente foi um sacramento estabelecido por Cristo e promulgado aos crentes por Tiago, apóstolo e irmão de nosso Senhor”. Os Católicos buscam o fundamento da extrema unção no texto de Tiago 5.

O Concílio Vaticano II continua tratando a extrema-unção como um dos sete sacramentos, e que não deve ser ministrado somente aos que estão à beira da morte, mas aos que estão em perigo de vida, podendo morrer a qualquer hora. Aplicando para nossos dias, assim seria: alguém está com câncer, então deve ser ungido com óleo. Hoje os católicos ungem os que estão com doenças graves, mesmo que não estejam em estado final. É a extrema-unção sendo usada para os casos de perigo de morte.

De qualquer maneira a história mostra a transformação de um costume popularmente praticado, puramente medicinal, para um ritual estritamente religioso, com regras fixas de administração. Saíram de algo cultural, jogaram um elemento religioso sobre o óleo, e estabeleceram regras sacramentais para a ministração desse óleo.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Nossa conclusão dos fatos relatados até aqui são as seguintes:

1) Em todo o Novo Testamento não existe sequer uma referência ao “óleo ungido” ou “óleo consagrado”, em que se faz oração sobre ele para que passe a ter poder em si mesmo. O único óleo considerado santo e sacralizado é o óleo da unção sacerdotal, da unção de profetas e Reis em Israel no Velho Testamento. Mas nada de óleo consagrado para cura. Essa linguagem é totalmente estranha ao Novo Testamento e começou a surgir com a entrada do paganismo na igreja, a partir do quarto século, sem deixar de mencionar que, durante os primeiros séculos da igreja, sempre houve casos de superstições com o uso do óleo. A Igreja sempre conviveu com surtos de abordagem supersticiosa do uso do óleo.

2) A igreja apostólica nunca reconheceu o uso da unção com óleo como uma fórmula que deveria fazer parte do culto ou da praxe pastoral. Mesmo durante uma era de grandes sinais e prodígios, Lucas não achou importante relatar casos de unção com óleo como um modelo de igreja madura que deveria ser seguido. Se a unção com óleo tivesse sido um modelo de liturgia ou de doutrina para uma época de uma igreja madura, certamente seria tratado pelos autores do Novo Testamento e certamente teria sido praticada na igreja dentro de um contexto judaico-gentílico. Mas só vamos encontrar o uso do óleo num contexto puramente judaico.

3) Em nenhum lugar no Novo Testamento é dada ao óleo uma natureza de eficácia espiritual, como querem muitos movimentos modernos de sinais e maravilhas, que nada mais é do que uma abordagem Romana da questão. O óleo sempre foi tratado como um símbolo, sem nenhuma eficácia espiritual, pois, como dissemos, o poder da cura estava na oração, e não no óleo. Ou seja, os pais pós-apostólicos já combatiam o erro de “óleo consagrado” dizendo que a oração é sobre o enfermo e não sobre o óleo. Deixemos claro, o poder da cura não está no óleo e sim na oração.

4) Todos os movimentos de sinais e maravilhas, bem como os crentes que de alguma forma estão envolvidos com a prática da unção com o “óleo ungido” ou “consagrado” deveriam estar cientes de que esta prática não foi apostólica, nem tampouco se encontra no Novo Testamento, mas consiste de uma prática intrusa do

paganismo que entrou na Igreja, e foi uma prática iniciada pela igreja num período de trevas, a partir do qual passou a ser chamada de Igreja Católica Apostólica Romana. Quando começamos a lembrar do período em que a Igreja começou a usar o óleo dos candeeiros porque eram “sagrados”, vemos que era uma época em que a Igreja estava caminhando para um afastamento da tradição apostólica.

5) Portanto, a prática da unção com o “óleo consagrado” é uma prática pagã, com suas raízes no gnosticismo (os gnósticos usavam o óleo de forma mágica) e religiões mágicas e de encantamentos, não devendo ser imitada pela verdadeira Igreja de Cristo em época alguma. Grosso modo, isso também seria seguir os caminhos de Roma. Que prática condenável é esta que estamos enfatizando? Colocar o poder mágico no óleo. Isso nada mais é do que colocar poder especial no óleo; essa é uma prática pagã. São práticas pagãs que se vê na Igreja Universal do Reino de Deus, como, rosa ungida contra o despacho de macumba (não é só o óleo), o copo com água *etc.* É uma mistura da religiosidade popular pagã com a versão supostamente evangélica praticada pela Igreja Universal do Reino de Deus, o que mostra ser esta uma igreja comprometida com o paganismo. O mesmo se aplica para o “óleo ungido de Israel” usado por muitas igrejas carismáticas. É uma prática que vem das religiões pagãs. Os apóstolos nunca utilizaram esta prática, e se tivessem utilizado, em que o povo creria? Creria que o poder vinha do óleo e não dos apóstolos (mas infelizmente é o que se vê hoje). Os olhares não convergiriam para Deus e sim para o elemento — o óleo; a fé não seria canalizada para Deus e sim para o objeto — o óleo.

Os apóstolos nunca fizeram isso e sim tomaram uma medida cultural e mostraram que aquilo que os judeus da época não podiam fazer, eles faziam, mas, não porque o poder estivesse no elemento em si mesmo, mas em Deus. Os olhares deveriam convergir para o resultado que estava em Deus. Os apóstolos não poderiam fazer do óleo um elemento que tivesse poder, pois assim a glória seria do óleo. Sem a tradição apostólica, alguém diria que aquele óleo teria poder. Esse não é o modelo cristão de fé.

CAPÍTULO 6

A EXEGESE DE TIAGO

O primeiro detalhe importante que precisamos deixar bem claro aqui é que há duas palavras para “unção” no Novo Testamento, e que ambas têm significados diferentes. Isso é muito importante para o nosso estudo, pois muita confusão tem sido feita em torno desse tema devido à falta de distinção dos significados destas palavras. Vejamos cada uma delas:

O primeiro termo grego que vamos enfatizar é ἀλείφω (*Aleifw* = ungir), que aparece 8 vezes em todo o Novo Testamento, (fazendo um contraste com χρίω (*Criw* = ungir), e refere-se a uma atividade física de derramar óleo sobre alguém, relacionando-se sempre à unção de pessoas. O termo é usado exclusivamente para: embelezar (Mt 6:17), como sinal de honra a um hóspede (Lc 7:38, 46; Jo 11:2; 12:3); honrar os mortos (Mc 16:1); e curar os enfermos (Mc 6:13). O termo pode ter outros empregos remotos e particulares, mas os usos mais importantes na cultura judaica eram esses. Digamos que era uma unção que qualquer pessoa poderia fazer.

O outro termo grego é χρίω (*Criw* = ungir), que aparece apenas 5 vezes no Novo Testamento, e que dá origem à palavra χρίσμα (*Chrisma* = unção — só 3 vezes). *Criw* é um termo religioso e refere-se à unção religiosa. Diz respeito a uma comissão divina e sempre é símbolo do Espírito Santo. Se “crismava” um Rei porque o Rei governava como Deus, através do Seu Espírito; o mesmo se fazia para o profeta e sacerdote. Eles eram ungidos. O termo “crismar‘’ significa conferir o Espírito de Deus àquele que é crismado. Mas o que ocorre nos dias de hoje é tomar-se o significado de *Aleifw* e transferi-lo para *Criw*. Ou seja, sacralizam a unção não religiosa dando a ideia de que o sentido de *Aleifw* está em *Criw*; mas isso não pode ser. Quando vamos para Tiago 5:14, encontramos exatamente *Aleifw*. Jamais se usa *Criw* para unção de enfermos, porque *Criw* tem relação com o Espírito Santo, significa comissionamento divino.

O emprego destas duas palavras no Novo Testamento corresponde ao mesmo uso na LXX (Septuaginta). A unção crisma (*Criw*), designa uma metáfora para a outorga do Espírito Santo, de poder especial e de uma comissão divina. Esse termo é o mesmo

usado na LXX para unção de sacerdotes e de reis. Esta unção era vinculada com o dom do Espírito Santo e com a proteção especial de Javé. O ungido ficava em contato direto com Deus e era considerado inviolável. Usa-se muitas vezes esta expressão de ungido para o pastor (mas é apenas no sentido figurado de unção de 1 João 2:20,27), mas este não foi ungido como o profeta ou sacerdote do VT. Na verdade, todos os crentes têm a "crisma", porque agora João emprega esta palavra num sentido espiritual para dizer: "Vocês têm o Espírito de Deus, por isso estão aqui, pois conseguem discernir a verdade do erro e só conseguem fazer isso porque têm o Espírito Santo".

Em Isaías 61:1 a unção deve ser entendida como um revestimento carismático de autoridade, o que é aplicado a Jesus em Lc 4:18: "O Espírito do SENHOR está sobre mim". Jesus foi ungido nesse sentido. A unção descrita por *Criw* refere-se sempre a um derramamento especial do Espírito Santo para um ofício ou comissão dirigidos por Deus. Tudo isso não é o sentido de *Aleifw* pois *Aleifw* é cultural. Aqui é outro significado. É nesse sentido (*Criw*) que deve ser entendida a unção de Jesus como sendo uma unção real e sacerdotal. Essa é a unção da qual fala João, que todos os crentes têm, pois ela está ligada à obra do Espírito Santo que faz os crentes lembrarem da verdade pregada por Jesus. É uma atividade do Espírito em fazer os crentes maduros suficientes para o discernimento entre a verdade e o erro. Portanto, "crisma" (*Criw*) de 1 João 2:20 e 27, é exatamente o discernimento dado pelo Espírito de Deus para que os homens conheçam e façam distinção entre a verdade e o erro. Esse é o contexto dessa passagem.

CAPÍTULO 7

IMPLICAÇÕES DE “ALEIFW” E “CRIW”

O primeiro detalhe importante que precisamos repetir aqui é que há duas palavras para “unção” no Novo Testamento, e que ambas têm significados diferentes. Isso é muito importante para o nosso estudo, pois muita confusão tem sido feita em torno desse tema devido à falta de distinção dos significados dessas palavras. Vejamos cada uma delas:

1) Temos dois termos gregos usados para um mesmo ato (unção), mas que são empregados para significados diferentes porque as ideias são diferentes. Enquanto *Aleifw* é um termo comum que sempre se refere a práticas culturais como embelezamento, saudação, honra e curas de enfermidades, *Criw* sempre se refere ao aspecto religioso, à unção religiosa. No Novo Dicionário Teológico um dos comentaristas diz que a unção em Tiago (*Aleifw*) tornou-se símbolo de exorcismo. Ele diz: “É possível que esse termo tenha sido usado para exorcismo”. Mas não cita nenhuma fonte ou documento. Alguém poderia perguntar: “Mas *Aleifw* também não funciona?” Sim, o sentido de *Aleifw*, que tem o significado de algo que não é religioso, funcionará com uma abordagem religiosa, mas *Aleifw* em si não é uma prática religiosa e sim uma prática comum dentro da própria cultura.

2) *Criw* sempre se refere a alguma obra especial do Espírito Santo. Algumas vezes, na septuaginta, *Aleifw* é usada como *Criw*, mas nunca *Criw* como *Aleifw*, porque *Criw* era coisa santa, representava o próprio Espírito comissionado. *Aleifw* refere-se sempre às questões corriqueiras do dia-a-dia de um judeu.

3) Muitos têm interpretado a unção de Tiago 5:14 e Marcos 6:13 como uma forma de unção especial do Espírito Santo, ou um derramamento especial de poder espiritual para realizar a cura, mas não é, pois em ambos os casos o verbo grego é *Aleifw* e não *Criw*. O termo não é de unção com o Espírito Santo. Mas no NT ninguém se atreve a usar o termo *Criw* para uma pessoa que está doente, pois o sentido é outro. Esse termo citado nos textos não é usado para derramamento de poder para realizar cura. Tentar levar um significado estranho às palavras do Novo Testamento é perverter o texto sagrado para o nosso próprio juízo. Quem escreveu os dois textos acima não usa *Criw* porque não está se referindo a esse

sentido de unção para comissionamento, para receber Espírito Santo.

4) É evidente que quando Marcos e Tiago fazem uso de *Aleifw*, eles não pretendem falar de unção do Espírito Santo, pois usaram um termo muito comum na sua época que não tinha o mesmo significado de *Criw*. Jamais um judeu usaria esse termo *Criw* e sim *Aleifw*. Marcos 6:13 usa o termo θεραπεύω (therapeuō = curavam — em português, terapia), mostrando uma relação muito próxima entre unção e cura, entre unção e o uso terapêutico. Era uma medida terapêutica, mas fazendo-a funcionar divinamente.

5) Portanto, os termos usados pelos escritores sagrados nos mostram que não havia algo mais do que um simbolismo cultural de cura na unção com óleo do Novo Testamento, termos esses que faziam parte da realidade judaica dos tempos de Marcos e de Tiago.

CAPÍTULO 8

O USO DE “EUCHÊ” EM LUGAR DE “PROSEUCHEOMAI”

O texto de Tiago 5:14 apresenta algumas curiosidades exegéticas que não podemos ignorar:

1) A primeira delas é o fato de Tiago usar constantemente o termo προσεύχομαι (*Proseucheomai)* para “orar” (v.14), mas no verso 15, quando se refere à “oração da fé” emprega a palavra rara εὐχή (*euchê)*, que aparece, além da Epístola de Tiago, só duas vezes no Novo Testamento, significando “voto”. Esta palavra nunca é usada para oração. É estranho e incomum o uso que Tiago faz desse termo, pois ele sempre se refere à oração pelo termo *Proseucheomai*. No verso 16 ele diz: “...orai uns pelos outros, para serdes curados”. Aqui Tiago também não usa *Proseucheomai* e sim *euchêomai*. Esta palavra *euchê* foi colocada “a dedo”, não foi colocada casualmente. Não pode ser acidental o fato de Tiago usar *euchê* em um único lugar de sua epístola contra tantos outros casos onde escolheu usar *Proseucheomai*. A questão é saber porque Tiago usou a palavra para “voto” (*euchê*) em lugar de “oração”. Um certo comentarista afirma que Tiago não estava pensando em uma oração comum, pois se assim fosse teria usado o termo *Proseucheomai*, mas aí não há uma ideia de oração comum. Todos os autores chegam à conclusão de que a oração de Tiago (εὐχή της πιστεως “oração da fé”) não é qualquer oração que fazemos como: “Senhor, tem misericórdia, cura fulano!”. A diferença está exatamente aí, pois para isso ele usa sempre *Proseucheomai*, mas quando chega na “oração da fé” ele usa *euchê* que não é oração e sim um “voto”. A tradução seria: voto da fé (εὐχή της πιστεως). O sentido desta palavra é fazer uma declaração de plena confiança — *eucomai*. Não haveria nenhum problema se esta palavra fosse abundantemente encontrada no Novo Testamento significando oração, mas não há. Mas esse significado somente é atribuído a Tiago. Nas outras duas passagens onde ocorre *euchê* (At 18:18; 21:23), o significado é de um voto.

Muitos tradutores têm traduzido *euchê* por oração, creio que isso se dá devido às ideias sobre oração e o uso constante de *Proseucheomai*. A ideia de que Tiago não estava falando da “oração

da fé", e sim de "voto da fé", é o fato de que foi buscar uma palavra muito rara e distinta de oração, com o objetivo de trazer algo novo para seus leitores. Certamente, pois em toda a epístola, ele sabe muito bem qual é a palavra adequada para oração, mas, quando chega na expressão "oração da fé", ele muda o vocabulário para uma palavra que só aparece 3 vezes no NT e que não significa oração. Seria absurdo imaginar que, depois de usar tantas vezes o termo "oração", anterior e posterior à *euchê*, Tiago tenha escolhido uma palavra errada exatamente para descrever "a oração da fé", no verso 15. Ele vai explicar isso de "voto da fé" na oração de Elias, mais adiante. A ênfase no uso das duas palavras num mesmo contexto é distinta.

A passagem inteira dos vv. 13-18 refere-se à oração, e a verdade central sobre a oração é uma deliberada e pacífica aceitação da vontade de Deus. Quando Tiago fala na "oração da fé" ele parece, intencionalmente, dirigir nosso olhar não para o coração dos presbíteros que oram, mas para o resultado que esse tipo de oração produz. Em outras palavras, ele parece falar de fé, não como um compromisso com a vontade de Deus, mas como uma convicção de que é a vontade de Deus realizar aquela cura. A grande maioria dos teólogos dizem que *euchê* refere-se à certeza que se tinha de que o doente ficaria curado (não foi usada a palavra *proseuchê*). *euchê* é uma convicção exata, clara, de que o doente será curado. Por isso, no v. 16 ele diz que eles orem uns pelos outros para que sejam curados. O verbo usado é *eucomai* e não *Proseucheomai*. É uma oração de certeza; certeza de que o que foi afirmado, acontecerá. Aquela "oração da fé", em Tiago, não é qualquer oração. Por isso vemos tanta certeza em Tiago. Ele diz que a oração dos presbíteros ("oração da fé") salvará o doente. Ele não diz que esta oração é um "empurrãozinho" ou que orem muito, sem parar, porque o justo muito pode em suas súplicas. Não é por muito suplicar, como muitos pensam, que o justo pode, mas é uma situação apresentada mais adiante na vida de Elias que orou, suplicou por chuva e Deus mandou chuva. Qual foi a oração de Elias? Ele orou por algo que Deus havia dito que aconteceria (1 Reis 18:1). Elias não orou suplicando para que Deus visse a necessidade do povo ou que seria bom para a terra; não, a oração

de Elias é revelacional, pois primeiro Deus lhe comunica que vai chover, então, Elias ora. Esse é o tipo de oração que está na mente de Tiago aqui. Por isso ele diz que a oração dos presbíteros salvará o enfermo; algo revelacional existia. Os defensores do Movimento de Sinais e Maravilhas desejam o mesmo e assim decretam cura. O modelo é bíblico, mas não funciona. Por quê? Porque não estamos na era apostólica, e a eles nada é revelado.

Aquela cura em Tiago não era uma mera solicitação a Deus, arriscando ou desconfiando se Deus vai ou não responder. Ao contrário, ele diz que a "oração da fé *salvará*" o doente. Hoje, quando oramos, temos a certeza de que Deus salvará? De que nossa oração por cura não falhará nunca? A oração dos presbíteros, na época apostólica, era um voto a Deus, era feita em profunda confiança, em certeza absoluta. A certeza absoluta só vinha com a revelação de que Deus iria curar. A "oração da fé" (ευχη της πιστεως) é a convicção de que aquela é a vontade de Deus para o enfermo.

Ainda no verso 16, Tiago emprega o verbo εὔχομαι (*eucomai* na sua forma imperativa — "orai") que ocorre apenas 6 vezes no Novo Testamento e sempre se refere uma oração-voto. Em 3 João 2 temos o mesmo verbo: "Amado, acima de tudo faço votos (ou "oro" — εὔχομαι) por tua prosperidade e saúde...". A ideia é de uma certeza. Em todas as vezes que aparece o verbo εὔχομαι (6 vezes) vemos que é usado em orações de certeza (por exemplo: Atos 27:29). A ideia é de que não há qualquer dúvida. Calvino e a maioria dos teólogos Reformados (comentários críticos) convergem todos para o mesmo ponto sobre esta palavra: *eucomai*. Jesus disse: "Se vocês orarem crendo que receberão, serão atendidos". Então, o apóstolo faz referência à oração de Elias para exemplificar o modelo da oração da fé: aquela que tem sua origem em Deus. A oração de Elias, antes de ter sido proferida, foi dada pelo Espírito Santo. Esse fato lhe revelou a vontade de Deus, e assim o tornou ousado em pedir a coisa desejada. Manifestamente, esse tipo de oração pela cura, ou seja, a oração dada por Deus, é que produz a recuperação dos enfermos.[2]

Cura Miraculosa, Henry Frost, Editora PES, p. 61.

CAPÍTULO 9

O CONTEXTO DE TIAGO 5:14

A epístola de Tiago possui traços bem judaicos, apesar de ser um documento genuinamente cristão. Seu autor é Tiago, irmão de Jesus. Tiago morreu no ano 62. Sua epístola é tida como escrita por volta da segunda metade do primeiro século da era cristã.

Tiago endereça a sua epístola “às doze tribos que se encontram na Dispersão” (Tiago 1:1). Isso pode ser uma referência normal aos judeus cristãos dispersos por todo império Romano.

O uso do termo “sinagoga” em Tiago 2:2 reflete uma época ainda bem primitiva do cristianismo.

Esta Epístola tem características bem distintas das outras. Ela é, praticamente, uma parênese, consistindo numa interpretação visível da religião cristã. Tiago não apresenta temas doutrinariamente relacionados com o mistério revelado no evangelho como Paulo faz. Ele apenas cita o nome de Jesus duas vezes em toda a sua epístola (1:1; 2:1). “É, por conseguinte, uma revelação primária, parcial e intermediária entre a igreja cristã primitiva, na qual as condições judaicas prevaleciam, e a igreja cristã posterior, onde as condições gentílicas prevaleciam” (Henry Frost). Lutero rejeitou esta carta (erradamente) por falar só sobre obras e Lei e ser “muito judaica”. Mas essa época é o início da Igreja, e os primeiros cristãos eram judeus. É possível que esse seja o contexto em que o óleo é usado entre judeus.

IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS DO CONTEXTO

1) O texto de Tiago 5:14 faz referência a “presbíteros”, que eram, geralmente, homens maduros e experimentados na liderança da igreja, e oficialmente eleitos por ela. Devemos salientar também que não há nenhum caso ou ordem no Novo Testamento de uso da unção ministrada por qualquer crente. Não há nada nas Escrituras como “ungi-vos mutuamente!”, mas “orai uns pelos outros para serdes curados”. Tiago, nesse texto, manda chamar os presbíteros para orarem e ungirem com óleo. Em Mc 6:13 trata-se de credencias apostólicas, e Tiago, pelo fato de sua epístola ainda estar mais perto da era apostólica, reflete um caráter todo especial de um dom, numa época em que a revelação de Deus ainda continuava sendo autenticada por sinais. Mesmo em Tiago 5:17, a ideia de “orai uns pelos outros para serdes curados” não implica necessariamente em unção, pois Tiago já definiu anteriormente o uso do óleo. Tiago não está dizendo para que os irmãos ungissem uns aos outros. A ideia aqui é genérica e refere-se ao que ele já definiu como oração pela cura.

2) O uso do óleo não teria apenas uma intenção medicinal em si mesmo, mas o ato representava a cura pelo fato da oração fazer algo natural funcionar numa enfermidade que jamais seria curada por uma simples unção com óleo. Devemos acrescentar ainda que, se a intenção fosse apenas terapêutica, eles deveriam chamar os médicos e não os presbíteros. Além do mais, se fosse o óleo que curasse, qualquer pessoa poderia ungir. Mas Paulo diz que os presbíteros deveriam ser chamados. Deveria haver um poder espiritual.

3) O tipo de enfermidade não era do tipo “dor de cabeça” ou “dor de dente”, mas o texto faz referência a um certa impossibilidade do enfermo ir até aos presbíteros, dando a entender que são os presbíteros que têm de vir ao enfermo. Havia um ato domiciliar. O verbo grego usado para essa enfermidade nos dirige para uma doença grave. Isso somente ocorreria devido ao fato de uma enfermidade gravíssima que o impossibilitasse de procurar os presbíteros. O texto diz que os presbíteros deveriam ser chamados e não que o doente fosse a eles (completamente diferente de hoje

onde as pessoas são incitadas a buscar certas igrejas). Além disso, se Tiago não estivesse tratando de enfermidade grave e incurável, não seria preciso chamar os presbíteros, mas sim os médicos. Não era um qualquer “sujar com óleo”, mas uma medida séria que deveria ser tomada: chamar os presbíteros para fazer uma oração porque o medicamento usado não curava. Em todo o Novo Testamento não há sequer uma passagem que nos mostre Jesus e os apóstolos curando doenças simples com óleo. Parece-nos que o óleo sempre foi uma medida muito séria para casos muito sérios. O óleo sinalizava os poderes do céu (do Espírito Santo) contra aquelas doenças graves e não contra doenças banais; confrontava-se com a falência humana.

4) O ministério da oração com unção e cura está associado ao ministério privado da igreja. Quando Tiago diz “chamem os presbíteros da igreja”, ele não está pensando mais em ministério intinerante ou público para o uso do óleo, nem em movimentos paraeclesiásticos de unção com óleo. Mesmo que alguém use o texto de Marcos 6:13 para reivindicar um ministério público do uso do óleo, deveria perceber que na época de Tiago a Igreja já existia em forma organizacional (já existiam os presbíteros), e que o conselho de Tiago dirige-se ao corpo organizacional da igreja, pois já desde aquela época toda a revelação está sendo dirigida às igrejas domesticamente organizadas e localizadas em todo o império Romano. Isso era comum na sua época, além do fato de ele usar a expressão “está alguém doente entre vós?”, que é uma clara referência a um grupo, à Igreja.

5) A ênfase de Tiago não está na unção, nem no perdão dos pecados (esse é um argumento forte contra o pensamento Romano de perdão de pecados). Ambos são incidentais quanto ao tema oração. O óleo é citado como uma medida natural e cultural que funcionará através de um poder sobrenatural, o da oração, ferindo à mente incrédula que estava acostumada a não realizar curas daquele porte com uma simples unção de óleo. Mesmo tratando doenças incuráveis com o uso comum do óleo, a “oração da fé” faria com que um simples derramar dessa substância curasse enfermidades graves. O perigo de mistificar o óleo é tão grande, a partir desse texto, que podemos comprovar nos dias da igreja pós-

apostólica e nos nossos dias, quando muitos têm usado o óleo até mesmo como relíquias. Mas a prova de que Tiago não está querendo ensinar algo sobre óleo é que ele afirma que “a oração da fé salvará o enfermo”, e não o óleo. Hoje se faz uma teologia tão “profunda” do óleo que Tiago nem “alcançaria”. Hoje, Tiago talvez dissesse: “Parem! A oração da fé salvará! Saiam do óleo e vão para a oração!”. Tiago não nos deixa ficar com os olhos fitos no óleo. Por isso que Orígenes usou esse texto para falar contra a mistificação do uso do óleo, quando hoje é exatamente o contrário. Sendo assim, o óleo equivale a medidas naturais e culturais paralelas como a saliva que foi usada para a cura do cego (Jo 9:6-7); impor as mãos (At 28:8); ordenar uma palavra (At 9:40); abraçar (At 20:9-10); colocar os dedos nos ouvidos e tocar a língua (Mc 7:31-35).

O sinal do óleo, como qualquer outro sinal externo usado na cura, representa a emissão de poder por parte daquele que emprega o sinal. Hoje, querem dar poder ao óleo, mas o óleo é que está dizendo que quem o usa é que tem poder (que lhe é dado). Perguntamos: Você tem coragem de usar o óleo como os apóstolos e os presbíteros usaram na época apostólica? É uma grande responsabilidade, tanto é que a palavra é *euchê* e não *Proseucheomai*. Quando eles usavam o óleo, aquele elemento estava dizendo para todos que havia cura à vista, que agora haveria manifestação de poder daquele que o estava usando. Não há poder no óleo. Ele é apenas um sinal que significa que haverá cura. Era a “oração da fé salvará” que salvaria; não havia meio termo. O óleo está intimamente relacionado com a oração dos presbíteros. Iremos trabalhar essa questão mais adiante.

Quanto à referência ao pecado, o texto é claro em empregar uma partícula condicional: “se houver cometido pecado”. Ele não quer falar sobre o pecado, o que indica que a ênfase ao perdão é mínima, pois toda ênfase do texto é na oração. Mas Tiago sabe que algumas enfermidades vêm como fruto de algum pecado. Ele diz que, se alguém, que irá ser curado, tiver cometido pecados, deverá confessá-los, e Deus o perdoará. Os pecados tinham de ser perdoados. Não havia a prática de chamar as multidões para curá-las como se faz hoje. Lembramos que não era para a multidão, e sim para os crentes (“se há entre vós”), pois não há unção para

descrentes. Com os apóstolos, curas ocorreram entre as multidões por causa das credenciais apostólicas e o mundo inteiro estava testificando que aqueles homens realmente eram de Deus e estava se estabelecendo a inauguração da nova aliança. Mas agora, na Igreja estabelecida, é entre “vós” e os presbíteros, e não para todos os que passavam “lá fora” que deveriam ser ungidos. O problema daquele que houvesse cometido pecados e estava doente, seria resolvido. Esse era o princípio de Levítico 6.

6) Nada há explícito no texto de que o doente deverá orar para ser curado. Aqui, cai por terra a ideia de que devemos orar pelos doentes e, se eles tiverem fé, ficarão curados. O texto afirma que a oração é dos presbíteros (que salvará) e não do enfermo. São os presbíteros que oram sobre o enfermo (επ αυτον), e não o enfermo sobre ele mesmo, exceto os casos em que a doença foi causada por pecado, mas ainda assim, o doente orará apenas confessando seus pecados e não para ser curado.

7) O texto aplica-se a casos raros de enfermidade que podem acontecer na igreja. Não há nenhuma indicação no texto, nem no Novo Testamento, de uma ordem ou mandamento para a igreja desenvolver um programa litúrgico, público e sistemático da unção com óleo. A maneira com a qual Tiago trata a questão dos enfermos, demonstra que as medidas deveriam ser tomadas apenas quando houvesse enfermos entre os crentes: “está alguém entre vós doente?”. A unção não era usada todos os dias, mas em caso de doenças graves.

8) A unção com óleo não foi uma instituição feita por Jesus, sendo um elemento encontrado na própria cultura judaica, e naturalmente útil para confirmar, sobrenaturalmente, as credenciais dos enviados de Deus. Também não podemos imaginar que os apóstolos realizaram-na contra a vontade de Jesus. Os apóstolos encontraram esse elemento cultural, pois já era símbolo de cura em Israel, porque curava enfermidades pequenas, e quando esses apóstolos usaram o óleo e realizaram curas de doenças incuráveis, isso se tornou uma credencial de um simbolismo de cura divina.

9) A época em que Tiago está escrevendo é uma época em que a revelação profética ainda está caminhando para sua perfeição. A igreja ainda está convivendo com profetas e apóstolos. As verdades

reveladas estavam sendo confirmadas através de sinais. Ninguém poderia afirmar estar curando um enfermo “em nome de Jesus” e falhar nessa cura. Isso indicaria, no contexto, total perda de credibilidade em Jesus, na nova aliança (para os judeus), e, consequentemente, descredenciamento profético e miraculoso do cristianismo apostólico. Não há nenhum caso em que uma cura realizada pelos apóstolos tenha falhado. Isso implicaria na falha da própria revelação e do Cristo que estava sendo anunciado. O único momento em que houve um falha foi o caso dos discípulos que não conseguiram expulsar um demônio de um jovem (Mt 17:14-21), mas isso foi totalmente irrelevante, porque Jesus estava presente, e, portanto, não deixou que seu nome fosse envergonhado, como exclamou o pai do jovem: “Apresentei-o a teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo”. Assim como Jesus, Tiago também não admitia falha na oração da fé. Ele não afirma que talvez a oração da fé salvasse o enfermo. Nada disso! Tão certo como Elias orou, a oração da fé curava. Mas, hoje, vemos falsos profetas derramarem óleo na cabeça de muitos doentes e não acontecer nada. Esse não é o procedimento que Tiago aponta, pois ele demonstra que a unção é o sinal do que realmente vai acontecer. Se você unge e nada acontece, esta unção está indicando seu fracasso total. Se ele sinaliza a cura, onde está essa cura? Se não há, que sinal é esse? Se o sinal sinaliza a cura e ela não acontece, será esse sinal uma testemunha contra você. É o mesmo que acontece com o batismo. Quando somos batizados diante da igreja e do mundo, esse batismo é uma testemunha contra nós mesmos caso não vivamos uma vida de santidade, por ser um sinal de algo que aconteceu conosco.

10) O uso do óleo sem a certeza de que Deus levantará o enfermo, torna o óleo um símbolo de fracasso da oração da fé e ao mesmo tempo profana o nome de Jesus, pois a unção é feita “em nome de Jesus” (Calvino dizia que se usarmos um elemento em nome de Jesus, vamos, em muito, “expor” o Seu nome, porque o elemento vai dizer: Este elemento representa o nome de Jesus e não funciona). Isso não poderia acontecer na era apostólica. O sinal do óleo em um enfermo não curado representa um uso para o qual Tiago não estabeleceu em sua epístola. O óleo somente deverá ser aplicado relacionado à eficácia da oração, pois ele é um sinal. Mas

se não houver cura alguma, o que então representará o óleo? A resposta é: apenas sinalizará fracasso e desonra do nome de Jesus. A unção foi ordenada para representar a eficácia da oração e do nome de Jesus, e não o contrário. Se, em sua época, Tiago estivesse pensando em um arriscado uso do óleo, podendo este funcionar ou não, ele certamente estaria condenando a revelação de Deus a uma falácia cheia de enganos e desacreditando o nome de Jesus.

11) A invocação do nome de Jesus no batismo e nos ritos de cura e exorcismo era muito comum na igreja primitiva. Essa prática indicava que, ao invocar o nome de Jesus, a pessoa estava agindo como um representante de Deus, exercendo o poder de Deus. Quando hoje alguém ora para expulsar demônios em nome de Jesus ou para curar uma enfermidade e não consegue, no máximo seria falta de fé, mas na época apostólica seria motivo de total descrédito. Esse tal seria chamado de falso profeta e extirpado do meio da Igreja. O nome de Jesus representa o Seu próprio poder operando. Por isso, quando não se opera o milagre em nome de Jesus, Seu nome é profanado. É o que Calvino diz. As pessoas não atentam para isso, infelizmente.

CAPÍTULO 10

A FUNÇÃO SACRAMENTAL DO ÓLEO

Tanto Marcos 6:13 quanto Tiago 5:14 definem o uso do óleo como sinal de eficácia do nome de Jesus. Em nenhum desses textos há a sugestão de se usar o óleo sem eficácia de cura. Por quê? Se usarmos o óleo sem representar a eficácia da cura, o que representará? Sem dúvida vai representar alguma coisa. Mas o quê? Representa, nesse caso, um amuleto. Se a pessoa que usa o óleo sem certeza da cura, estará usando o óleo com o propósito de "ajudar". Há sentido em se usar um sinal para uma coisa que não existe? O óleo sinalizaria algo que não existe? Parece ser um uso totalmente inócuo sua administração naqueles que não são curados, a não ser que se creia que ele tenha algum poder ou virtude em si mesmo para curar. Esse é o ponto chave do assunto. Se ele representa a cura, perguntamos: onde está a cura? Se não existe, por que se usar um sinal para algo que não existe? Então estaremos usando o óleo pensando que ele vai "tornar possível", que vai ajudar naquilo para o qual está sendo usado. Se você tem certeza (recebeu uma revelação — e isso não acontece mais) de que a cura acontecerá, sinalize com o óleo. Na cultura judaica o óleo era usado como um elemento terapêutico em coisas simples, mas só os apóstolos faziam com que ele "funcionasse" para sarar doenças incuráveis; que ele "realizasse" milagres. Os presbíteros fizeram isso na época apostólica e o doente levantava do seu leito. Aí o óleo era o sinal da cura. Mas a cura vem de cima, de Deus, e o elemento, o óleo, era o sinal de que Deus cura. A mesma coisa os apóstolos fizeram. Ao colocar as mãos sobre o enfermo eles sinalizavam que o poder vinha de Deus através deles. Quando Jesus fez o "lodinho" e colocou nos olhos do cego quis mostrar o Seu poder e não o do lodo.

A questão que deverá ser levantada é: É permitido o uso do óleo sem alguma garantia da cura? A resposta é: Não! Eis as razões:

1) O uso do óleo sem perspectiva de eficácia era feito por religiões pagãs paralelas à época do Cristianismo e entrou na igreja cristã já nos primeiros séculos da igreja. Óleo sem perspectiva de eficácia o que é? Nada! A não ser que se ache que o óleo tem virtude nele mesmo. Nesse caso não é mais sinal.

2) Não há no Novo Testamento o uso do sinal sem perspectiva da cura. A maioria dos comentaristas do NT entendem dessa maneira. Calvino pensava assim. Usá-lo sem perspectiva de cura é profanar o nome de Jesus; é dizer que é um sacramento quando não o é.

3) Teologicamente inferimos que, se alguém usa o óleo para representar algo que de fato não existe, então seu uso, logicamente, estará sendo direcionado para um significado de eficácia no próprio elemento. Daí surgem as superstições eclesiásticas quanto ao uso do óleo.

4) A não ser que tiremos o significado de “sinal da cura”, seria absurdo administrar o sinal de uma irrealidade. Se perguntarmos para alguém: Por que você usou o óleo? Ela será obrigada a dar uma das duas respostas: “Porque é um sinal!”, ou “Porque ele tem virtude em si mesmo!”. Se alguém responde que é sinal, devo perguntar: Onde está, pois, a realidade que o sinal sinaliza? Se não há a realidade sinalizada, por que se usou um simbolismo para algo que não existe? Talvez a pessoa respondesse: “Eu esperava que houvesse a realidade!”. Mas usar o símbolo para algo que ainda vai existir ou poderá existir é uma contradição, ou seja, como pode existir sinal sem o seu conteúdo? Esse é o argumento de Calvino. Calvino dizia que nós não podemos usar isso, porque a coisa realizada já cessou. A realidade indicada pelo sinal já cessou. Calvino era cessacionista. É como imaginar uma bandeira que represente uma nação que não existe mais no planeta. Diante de outras nações essa bandeira não terá nenhum valor simbólico, pois a realidade a qual ela representa não existe mais. Mas se queimamos uma bandeira de uma nação, estamos ferindo a realidade simbolizada por ela. Não existe símbolo sem uma realidade por trás.

5) O mesmo se diz dos sacramentos, que além de selos, são também sinais (“santos sinais”— Confissão de Fé de Westminster) que não podem ser administrados a indivíduos nos quais não podem sinalizar a realidade que significam. Alguns podem utilizar esse meu argumento para justificar o uso do sinal sem a realidade sinalizada, pois batizamos e ministramos a ceia a alguns que, de fato, não convivem com a realidade significada pelos sacramentos;

assim o mesmo poderia ocorrer com o óleo. O pastor sabe quem de fato é crente ou não? Não! A pessoa pode não ser convertida (falso crente) e é ministrada a ela o sacramento. A isso, alguém pode argumentar: já que você ministra o sacramento a esta pessoa sinalizando o que não existe na vida daquela pessoa, eu poderia usar o óleo também. A isto respondo que esse argumento não é convincente pelo fato dos sacramentos sinalizarem coisas espirituais (a cura não, pois é algo visível e evidente), que é quase que totalmente impossível constatar a realidade sinalizada nos sacramentos. Quanto ao óleo é diferente, pois a cura é uma realidade visível e pode ser constatada tanto pelo ministrante quanto pelo enfermo. Além do mais, as pessoas podem profanar os sacramentos, abandonando o evangelho e negando a Cristo, fazendo do sinal do sacramento “uma irrealidade”. A realidade significada pelos sacramentos é interna, imperceptível. Os mesmos são ordenados aos que creem (também interior e impossível de se averiguar), e não foi dado como sinal visível à coletividade, mas como sinal privado, entre o crente e Deus. Administramos os sacramentos como “santos sinais” confiando apenas na profissão de fé daquele que pede tais sinais, pois assim nos ordena a Palavra de Deus. Mesmo administrando aos quais não temos certeza da realidade significada em suas vidas, isso não nos desautoriza a sua administração, pelo fato da realidade significada pelos sacramentos não poder ser averiguada como podemos averiguar a cura. O sinal do sacramento é diferente do sinal da cura (do óleo) porque o sinal do sacramento é um sinal entre você e Deus e também entre você e a Igreja, pois ela é uma testemunha e é um sinal que indica uma realidade que ninguém pode averiguar seguramente. Por isso não temos como ter certeza de ministrar somente aos convertidos. Mas a unção com óleo tinha, pois os presbíteros recebiam revelação de que haveria cura naquela pessoa. A natureza dessas realidades são profundamente distintas. Mas, mesmo assim, os sacramentos nunca poderão ser administrados aos que não professarem a fé naquilo que eles significam.

CAPÍTULO 11

O ÓLEO OCUPA UM LUGAR SACRAMENTAL?

Como já dissemos anteriormente, a unção com óleo não é um sacramento, como quer a Igreja Católica Apostólica Romana. Sabe por que a extrema-unção é um sacramento na Igreja de Roma? Porque se a Igreja Romana não fizesse da unção com óleo um sacramento, ela não teria como transpor as barreiras culturais desta unção com óleo. Ela tornou esse ato um sacramento para que ele pudesse subsistir em todas as nações. Não foi instituído como tal por Cristo, nem reconhecido pelos apóstolos. Uma pergunta importante deve ser feita a essa altura:

O que faz o óleo ser um elemento observado por todas as culturas, se o mesmo consiste de simbolismo terapêutico de uma cultura primitiva?

Essa pergunta é realmente importante, pois nos faz questionar sobre alguns princípios básicos para a vida da igreja quanto à unção com óleo:

1) Nenhum comentarista reformado entende algo além de um simbolismo na unção com óleo. Só o catolicismo e os movimentos de sinais e maravilhas veem, de maneira antibíblica algo mais naquele ato. Os reformados sabem que o caminho não é esse porque não é o caminho bíblico.

2) Esse simbolismo nasceu numa cultura primitiva que usava o óleo para funções de cura, o que ainda na era apostólica tornou-se um símbolo da operação sobrenatural de Deus. O simbolismo da cura era espiritual, pois o óleo não tinha poder algum. O poder vinha do alto. Antes de ser usado pelos apóstolos, o óleo já representava cura, ele apenas ganhou um significado de cura divina porque os apóstolos usaram-no para curar enfermidades tais que o óleo não pode curar. Então o elemento tornou-se símbolo de fé porque o povo de Deus, naquela época, quando fazia uso do óleo, afirmava: “Haverá cura”. Presbítero passando com vidro de óleo na mão era evidência de que haveria cura divina. Essa é a compreensão que nos leva a entender que qualquer elemento que sinalizasse a operação divina era usado no Novo Testamento.

3) Se o óleo representava a cura, então ele é um simbolismo cultural que corresponde a qualquer elemento simbólico cultural de qualquer outra nação. Se em Israel o óleo representa a cura, em outra nação a cura pode ser representada por uma comida, uma veste, ou qualquer outro elemento cultural que de fato represente uma forma de curar ou total ou parcialmente os enfermos.

4) O elemento fixo no mandamento de Tiago não é a unção, mas a oração (esse foi o elemento fixo que a Igreja observou durante todas as épocas e não a unção com óleo; eles curavam com qualquer coisa como: as mãos, com a palavra, deitando por cima, com a própria sombra etc), pois se a unção com óleo fosse um elemento fixo para a fórmula da cura, ela teria funções sacramentais, e deveria ser observado pela igreja apostólica e pelos cristãos de todas as épocas (seria o método pelo qual as pessoas seriam curadas). Contudo, a igreja do Novo Testamento parece não dar muita atenção a esse ato, pelo fato de não ter sido continuado nem ensinado nas outras epístolas.

5) Se a unção com óleo é algo simbólico, não sacramental, então só pode ser simbólico-cultural. É sacramento? Não! Então é cultural. É o mandamento divino que está sendo ordenado à Igreja? Depende, porque a ênfase de Tiago não é ordenar à Igreja algo que não é um sacramento. Alguns comentaristas acham que Tiago está dando uma orientação no que já se fazia na época; não está dando uma revelação do elemento do óleo, mas sim uma orientação do que os apóstolos estariam fazendo desde a época de Jesus. Se for simbólico-cultural, não pode, obrigatoriamente, transpor as barreiras culturais de outras nações onde o símbolo da cura seja outra figura ou outro elemento empregados.

6) Para vencer essa barreira cultural, a Igreja Católica Romana instituiu o ato da unção com óleo como um sacramento entre os demais, recorrendo aos textos de Mc 6:13 e Tg 5:14. Essa seria a única maneira de fazer com que um elemento cultural fosse obrigatório como um princípio eterno da vontade de Deus para a vida da Sua igreja. Alguém poderia argumentar: Mas não está registrado na epístola? Resposta:

7) Ninguém insiste em que as ordens de Paulo quanto ao ósculo para a igreja de sua época fosse para nós também. O princípio é

que deve estar por trás, mas não obrigatoriamente os elementos culturais. Porque se fosse ordenada a unção, seria um sacramento. Mas a Igreja não levou em conta isso. Quão estranho é que haja militantes em prol de uma sacramentalização de um elemento tão cultural como foi a unção com óleo na época de Tiago. O uso do óleo aconselhado por Tiago tem o mesmo valor dos conselhos que Paulo dava quanto ao ósculo. Esses elementos, para serem obrigatórios para a Igreja de Cristo, deveriam ser ou sacramentos ou princípios espirituais da Lei de Deus. Mas a verdade é que nem óleo, nem ósculo, constituem sacramentos ou princípios eternos da Palavra de Deus. Onde encontramos na Bíblia que óleo cura? Onde vemos que esta prática seja obrigatória partindo das Escrituras? Se fosse assim, os apóstolos teriam errado redondamente, pois não se vê seu uso nas epístolas e sim a oração.

8) Podemos observar, durante o nosso estudo, que a prática da unção com óleo é uma prática caracteristicamente judaica (o próprio Tiago reflete uma mentalidade judaica da época) e que, com a expansão do Cristianismo para o mundo helênico, parece não ter havido mais ênfase no sinal judaico da cura.

Um certo comentarista levanta uma questão interessante. Ele afirma: “Perceba que a unção com óleo diz respeito a uma época em que a Igreja é caracteristicamente judaica. Quando a Igreja torna-se gentílica esse elemento parece que não tem mais prática na Igreja”. Porque entre os judeus a prática do óleo era comum, mas entre os gentios não, pois eles usavam muitas coisas (até sangue), pois eram pagãos. Quando chegou a época de “juntar” todos debaixo de uma mesma Igreja, seria certo usar um sinal judaico para sinalizar o fato? Muitas coisas foram usadas, mas este sinal não foi mais usado pela Igreja.

CONCLUSÃO

A CERTEZA DE TIAGO À ORAÇÃO DA FÉ

Nos dias atuais podemos perceber muita gente interessada em unção com óleo. Além das novas seitas caracteristicamente pagãs e animistas, que fazem uso, não somente do óleo, mas de toda sorte de amuletos e relíquias, imitando o Catolicismo, o Espiritismo e o Baixo Espiritismo, temos muitos crentes em nossas Igrejas que defendem, ingenuamente o uso da unção com óleo, sem todavia observar os princípios bíblicos de Tiago.

Creio que o maior erro cometido por aqueles que fazem uso da unção com óleo é o de ungir os doentes sem a certeza de eles ficarão curados. E para isso é necessária uma revelação extraordinária, coisa que já cessou.

Se o óleo é usado sem nenhuma certeza da cura, então basta a oração sem fé. Não seria demais além da oração sem fé, também a unção sem fé? Se não há certeza, basta orar, porque se vamos usar o óleo sem certeza, esse elemento que não sinaliza, não é mais sinal de cura e sim algo que vai “ajudar” na oração. Esse é o raciocínio em que vamos cair. Não seria demais, além da oração sem fé, também a unção sem fé?

Se a unção é usada na esperança de que possa vir surtir algum resultado, então esse é o uso indevido da unção, e que vai cair em outro erro que é o de achar que o óleo vai ajudar na cura. Se não estamos usando o óleo para sinalizar o que de fato existe, perguntamos: para que o estamos usando? Seria para ajudar na cura? Infelizmente, a maioria dos “ungidores” modernos caem nesse erro. Por essa razão podemos ver muita gente trazendo óleo de Israel, levando óleo da igreja para casa, e até mesmo andando com um vidrinho de óleo no bolso.

Tiago não diz que a oração e a unção são um “reforço”, ou uma ajuda, ou que “pode vir” a ajudar o enfermo. Ele também não deixou nenhuma dúvida quanto à eficácia da oração da fé, nem tampouco disse que os crentes poderiam usar o óleo mesmo que não funcionasse. Nada disso é encontrado no texto. O óleo está intimamente ligado à eficácia da oração. É isso que ele representa. Toda ideia mágica ou sacralizadora do óleo vem de religiões pagãs e entraram no cristianismo com uma “roupagem” de Tiago. Mas o autor sagrado não trata a questão assim.

Para Tiago, a oração da fé salvará sempre o enfermo. Mas por que Tiago tinha tanta certeza disso? Por que Tiago diz que a oração da fé salvará? O que vemos hoje é apenas a possibilidade de alguém vir a ser curado. Mas ninguém se dá conta dos que não foram curados pela unção com óleo e à chamada “oração da fé”. Por que para Tiago havia tanta certeza em levantar o doente quando hoje se vê tanta falha nas curas? Por que a unção com óleo não falhava? (Sabemos que ela era um sinal do que Deus fazia em nome de Jesus). As possibilidades são duas:

1) Tiago usa o termo *euchê* em vez de *Proseucheomai*. Isso quer dizer que ele não estava pensando em qualquer oração. A oração enfatizada por Tiago é um tipo de declaração confiante de que tudo o que se diz de fato acontecerá. Essa oração não é como muitas das nossas orações quando dizemos “Senhor se quiseres podes curar”. A oração da fé é aquela que as pessoas já têm certeza que é a vontade de Deus realizar. A certeza é tão grande que Tiago chama essa oração de “voto” (*euchê*). Então, nesse texto, a ênfase de Tiago não é em uma oração de risco, mas na oração da fé, ou traduzindo melhor, “o voto da fé”, pois quem ora e unge um enfermo apenas declara e ordena a cura daquele enfermo.

O mesmo sentido de *euchê* é empregado mais adiante no versículo 16, “orai uns pelos outros para serdes curados”, onde ele emprega o verbo *eucomai* que, na literatura clássica, tem o sentido de “fazer declarações confiantes acerca de si mesmo”. Nesse texto, por causa do emprego de *eucomai*, a frase, “orai uns pelos outros para serdes curados”, só pode corresponder ao exercício do dom de cura, que somente pode ser exercitado mediante certeza absoluta de que a cura vai se realizar. Isso não significa que pela expressão “orai uns pelos outros”, Tiago esteja pensando em qualquer pessoa, e sim somente naquelas que têm o dom de cura. Devemos nos lembrar que a época de Tiago é a era apostólica, na qual o dom de cura ainda está presente na Igreja primitiva como credencial apostólica. Isso explica a razão porque Tiago afirma com tanta certeza que a oração (*euchê*) da fé salvará o enfermo. É porque ele está se referindo ao dom de cura, e não a uma simples oração suplicando cura.

Mas surge uma pergunta: Como pode uma pessoa ter tanta certeza da vontade de Deus para realizar uma cura na vida da outra? Resposta: Revelação!

Tiago cita um modelo de oração da fé que é a oração de Elias. Quando vamos para o Velho Testamento, descobrimos que Elias não pediu algo sem saber qual era a vontade de Deus. Sua oração foi revelada antes de ser feita. Essa é a única maneira de se saber com certeza a cura do enfermo. Hoje temos a oração "misericordiosa", onde se apela pela misericórdia de Deus. Mas a "oração da fé" era uma oração revelacional. O que havia era uma cura revelatória. Foi por esta razão que os apóstolos não falharam em uma só cura ou milagre, pois se isso acontecesse, eles seriam desmoralizados diante daquele mundo pagão e não teriam credenciais apostólicas. A fórmula que usaram, "em nome de Jesus", reivindicava a mesma coisa quando também a usamos nos dias de hoje, pois a honra de Jesus está em jogo. Mas hoje as pessoas não estão advertidas disso quando "declaram" a cura de alguém e ela não acontece. Se declaramos em nome de Jesus e nada acontece, desonramos, diante do mundo, o nome do Deus Todo-Poderoso, pois estamos dizendo que Ele fará, enquanto nada acontece daquilo que dissemos que aconteceria. Essa é a marca do dom de cura — declarar de forma revelatória aquilo que vai acontecer. Aqueles que tinham o dom de cura não falhavam porque curavam mediante oração revelatória.

Vale salientar também que poucos foram os casos de oração revelatórias antes do ato acontecer. Geralmente as curas eram feitas através de atos, palavras (Atos 9:40 — nesse caso ele ora não por cura, mas para ser revelada a vontade de Deus), gestos (Atos 9:12), ou símbolos. Em um caso, por exemplo, Paulo orou pelo pai de Públio, mas impôs as mãos, que era o sinal da cura. Esse é um exemplo de Paulo orando para saber a vontade de Deus revelada. Esse era o modelo para o dom de cura. Era uma ordem. Hoje não se vê mais isso. O que vemos é uma longa oração por cura quando se declara várias vezes a restauração do doente e nada acontece. Ora, se dom de cura fosse orar assim: "Ó Senhor, nós suplicamos a cura desta pessoa", então todos nós teríamos esse dom. Mas o dom de cura é declarar a vontade de Deus e a

pessoa infalivelmente levantar. Se não temos certeza da cura, não podemos fazer nenhum sinal, porque o sinal diz que há cura, e não que poderá haver. Muitos impõem as mãos achando que vão emitir poder, mas nada acontece. Isso consiste numa profanação do sinal (Calvino), porque o sinal é dado devido à certeza que a pessoa tem da eficácia de sua oração por corresponder exatamente à vontade de Deus. A razão porque as curas eram feitas frequentemente através de atos, era porque aqueles atos eram sinais de confirmação da cura. É claro e evidente que hoje as pessoas se arriscam mais em “gritar orações”, ou fazer algo mais parecido com a primitiva “dança da chuva” em torno de um enfermo, do que lhe dizer em tom calmo e confiante: Levanta-te! Isso só quem podia fazer era aquele que tinha a certeza da cura, a revelação de Deus.

2) A segunda possibilidade para a certeza da eficácia da oração da fé em Tiago é que o dom de cura estava em vigor na sua época. Calvino diz que Tiago teria ordenado enviar os presbíteros porque eles eram as pessoas que tinham dons de cura. O raciocínio de Calvino está correto pelo fato de não haver nenhuma indicação no Novo Testamento de que a cura seria uma exclusividade para oficiais da igreja. Se os dons de cura foram dados à Igreja da era apostólica como um todo, por que então Tiago orienta a chamar só os presbíteros? Por que não chamar qualquer irmão que tivesse o dom de curar? Ora é claro que a cura poderia ser feita por qualquer membro da igreja, se assim tivesse ele o dom. Não há qualquer contraindicação quanto a isso. A única reposta que temos para essa preferência de Tiago pelos presbíteros era que, na era apostólica, muitos presbíteros tinham dons espetaculares do Espírito. Se a oração dos presbíteros fosse uma oração qualquer (o que já provamos que não é), como as que são feitas de modo geral por todos os enfermos nas reuniões de oração ou nas visitações aos doentes, então Tiago teria ordenado que os crentes mesmos orassem pelo enfermo. Se a questão era orar pelo enfermo, todos podiam fazer. Mas se a questão era curar o enfermo, só quem tinha o dom podia fazê-lo. Essa é a conclusão a que chegamos. Tiago não está enfatizando, com *euchê*, o ato de orar (pois isso ele faz com *Proseucheomai*), mas a ênfase no resultado da oração.

ALGUMAS PERGUNTAS QUE SE FAZ

1. ***Esta "oração da fé" ainda está presente em nosso meio?***

R. Esta oração revelatória já cessou. Deus ainda cura, mas não pelo modelo profético e de revelação. Deus não deseja mais dar uma credencial apostólica a uma "fé" que se tem hoje. O Pastor (ou mesmo qualquer irmão) pode orar por uma pessoa, e Deus pode fazer um milagre porque Ele é Deus Todo-Poderoso. Mas a oração que ordena, essa cessou! Porque hoje não há mais o dom de uma pessoa curar, porque se assim fosse, ela seria "sacralizada". Na época apostólica, eles faziam isso porque tinham autoridade revelacional de Deus, porque estavam sob a autoridade dos apóstolos que eram o fundamento da Igreja. Para ser fundamento da Igreja tem de se ter credencial. Hoje a ordem é pregar, e a fé, que cura, virá. A ordem nunca foi para se curar multidões. Nem Paulo fazia isso. Os apóstolos curavam para autenticar (demonstrar credenciais) à mensagem que anunciavam de que o Deus verdadeiro era aquele que operava. Como toda a aliança se inaugura com profecias e sinais, a Nova Aliança também. Deus cura ainda hoje? Sim, Ele é o mesmo. No entanto não há mais necessidade de dom de cura.

2. ***Quando dizemos que esse dom cessou, não estamos limitando o poder de Deus?***

R. Respondemos perguntando: Deus dá dons extraordinários à Igreja hoje? Se você disser que sim, deve também responder à indagação: Por que a maioria das igrejas não tem esse dom? Será porque o povo não jejua, porque não ora, ou porque é fraco? Será que dom é algo condicionado a isso? Dom seria algo condicional ou uma dádiva especial de Deus? Dom é dádiva, não é algo condicional. O que dizer da igreja de Corinto. Os crentes daquela igreja eram espirituais ou carnais para que recebessem aqueles dons? Paulo diz que eles eram carnais. Além do mais, muitas pessoas falam de coisas extraordinárias que têm acontecido. Mas será que isso tudo é verdade? Tenho visto pessoas falarem de profetas mais parecidos com adivinhos do que com os profetas descritos na Bíblia e que estão dentro das igrejas. A grande pergunta é: Com que propósito Deus credenciaria esses profetas ou realizadores de curas hoje? O Novo Testamento tanto quanto o Velho Testamento nos mostra que esses sinais não tinham um fim em si mesmos, o propósito não era a cura em si mesma. Esses sinais sempre tiveram um caráter de credenciar a mensagem pregada para revelar Jesus, o Salvador (caráter histórico-redentivo). Os que tinham dom de cura nunca falhavam. Isso acontece

hoje? Será que hoje alguém tem uma revelação infalível de que aquele doente será curado?

3. ***Um missionário em um país distante não poderia realizar curas com um propósito semelhante ao da era apostólica?***
R. Temos de ter cuidado com essa afirmação. Podem acontecer coisas extraordinárias, é verdade. Não negamos. Mas, não como dom. O modelo para ser missionário e que fará o homem conhecer a Jesus não é esse, não é fazer sinais e maravilhas, não são milagres. O milagre sempre serviu para "colocar no papel" a verdade de Deus, autenticar a verdade revelada na Escritura. Era importante para dar as credenciais do que estavam anunciando na era apostólica, mas a Bíblia nos diz claramente que agora a fé vem pela pregação. Esse é o modelo determinado por Deus para se fazer missões e evangelizar. Não há outra ordem para nós hoje. Muitos pensam que os milagres realizados na era apostólica eram para que as pessoas se convertessem, mas não eram. A maioria viu, mas não se converteu. Eram para dar credenciais da verdade para o mundo e não só para algumas pessoas em especial. Serviram para nós hoje, para o mundo, para a Igreja de todas as épocas. Vemos isso em Jo 20:30-31. Jesus realizou muitos sinais que não foram escritos, mas alguns foram escritos para que eles cressem que Ele era o Filho de Deus, mas hoje não precisamos de sinais. Hoje é a pregação e não sinais. Jesus disse para os judeus, escribas e fariseus que pediam sinais: "Vocês pedem sinais porque são uma geração de incrédulos!". Muitos querem ver para crer, sim, mas os sinais que Jesus realizou, Ele e os apóstolos, além dos que estavam sob a égide apostólica tinham um caráter autenticador da Palavra (Atos 14:3; Romanos 15:18-19; 2 Co 12:12; Hebreus 2:3-4). Deus ainda cura hoje, mas o faz por misericórdia, por amor, não para evangelizar. Esses programas de cura para encher as igrejas estão errados, pois a ordem é: "Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados..." (Lc 24:46-47). Vemos pregação de arrependimento hoje? A maioria das mensagens de hoje não trata dessa questão. Ouçam as mensagens dos evangelistas de rádio e TV. Na verdade o Evangelho não é pregado e sim a ênfase tem sido em milagres e testemunhos emocionais. A coisa mais extraordinária que existe é alguém que está caminhando para o inferno ouvir o evangelho, converter-se e caminhar para o céu. Esse evangelho que leva o homem ao arrependimento é o que devemos pregar.

APÊNDICE

CALVINO E A UNÇÃO COM ÓLEO

Como o Dom de curar ainda existia, ele (Tiago) orienta o doente a ter recurso para o seu remédio. É certo que nem todos eram curados, mas o Senhor dava o Seu favor quantas vezes Ele achasse proveitoso; nem é provável que o óleo era usado indiscriminadamente, mas somente quando havia expectativa de cura. Pois, juntamente com o poder, era dado também prudência aos ministros, a fim de que eles não abusassem nem profanassem o símbolo. O desígnio de Tiago não era outro, senão recomendar a graça de Deus, a qual o fiel poderia experimentar, para que o benefício disso não fosse perdido por causa de desdém ou negligência.

Para esse propósito, ele ordenou que os presbíteros fossem enviados, mas o uso da unção deveria ser restrito ao poder do Espírito Santo.

Os papistas se orgulham fortemente dessa passagem quando procuram aprovar sua extrema-unção. Mas quão diferente é a corrupção deles da antiga ordem de Tiago, pelo o que eu não vou me comprometer agora em mostrar. Que os leitores aprendam isso nas minhas Institutas. Eu somente direi que esta passagem é impiamente e ignorantemente pervertida; quando se tenta fundamentar a extrema-unção aqui, chamam de sacramento para ser perpetuamente observado na igreja. Na verdade, concordo que foi usado como sacramento pelos discípulos de Cristo, (pois eu não posso concordar com os que pensam que tratava-se de remédio), mas como a realidade daquele sinal somente permaneceu por um tempo na Igreja, o símbolo também deve ter sido só por um tempo. E é bem evidente que nada é mais absurdo do que chamar de sacramento aquilo que é vazio, e, na verdade, não nos apresenta o que significa. Que o Dom de cura foi temporário, todos são forçados a concordar, e os eventos claramente aprovam isto: que o sinal disso não deveria mais ser considerado perpétuo. Segue-se, portanto, que aqueles que nos dias atuais colocam a unção entre os sacramentos, não são os verdadeiros seguidores, mas os “macacos” imitadores dos apóstolos, exceto se eles restaurarem o efeito produzido por isso, o qual Deus já retirou do mundo há mais de mil e quatrocentos anos. Portanto, nós não temos nenhuma

disputa se a unção era um sacramento; mas sim se ela foi dada para ser continuada. Isso eu condeno porque é evidente que a coisa significada já cessou há muito tempo.

Os presbíteros da igreja. Eu incluo aqui geralmente todos aqueles que presidem sobre a igreja; para pastores, não foram chamados somente os presbíteros ou anciãos, mas também aqueles que foram escolhidos do povo para serem protetores da disciplina. Pois cada igreja tinha seu próprio senado, homens escolhidos de peso e integridade aprovada. Mas como era costume escolher especialmente aqueles que eram portadores de dons mais do que ordinários, ele (Tiago) ordena-lhes que enviem os presbíteros como sendo aqueles nos quais o poder e a graça do Espírito Santo mais particularmente aparecia.

Mas, devia ser observado que ele liga uma promessa à oração, a fim de que não seja feito sem fé. Pois o que duvida, como o que não invoca corretamente a Deus, é indigno de obter qualquer coisa, como vimos no capítulo um. Quem pois realmente busca ser ouvido, deve ser totalmente persuadido de que não ora em vão.

Como Tiago coloca diante de nós esse Dom especial, para o qual o rito externo era uma adição, nós, portanto, aprendemos que o óleo não poderia ter sido usado corretamente sem fé. Mas, desde que os papistas não têm nenhuma certeza quanto à unção deles, tanto o quanto é manifesto de que eles não têm o Dom, é evidente que a unção deles é espúria.

ADQUIRA OUTROS TÍTULOS DIGITAIS DA EDITORA CLIRE E OS PURITANOS

• A Ceia do Senhor (Thomas Watson)

• Adoração Evangélica (Jeremiah Burroughs)

• Adoração Reformada: A Adoração que é de Acordo com as Escrituras (Terry Johnson)

• A Confissão de Fé Belga (Guido de Brès)

• A Família na Igreja (Joel Beeke)

• A Feminilidade Bíblica e a Esposa de Lutero (Valdecélia Martins)

• A Igreja Apostólica (Thomas Witherow)

• A Igreja de Cristo (James Bannerman)

• A Igreja no Velho Testamento (Paulo Brasil)

• A Palavra Final (O. Palmer Robertson)

• A Vida do Profeta Elias (A. W. Pink)

• A Visão Federal e os Padrões de Westminster (Alan Rennê)

• As Bases Bíblicas para o Batismo Infantil (Dwight Hervey Small)

• As Obras de João Calvino — Volume 1 (João Calvino)

• As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas

• Calvino e Seus Inimigos: Memórias da Vida, Caráter e Princípios do Reformador (Thomas Smyth)

• Catecismo Maior de Westminster: Comentário (Johannes Geerhardus Vos)

• Catecismo Maior de Westminster: Origem e Composição (Chad B. Van Dixhoorn)

• Crente Também Tem Depressão (David Murray)

• Cristianismo e Liberalismo (J. Gresham Machen)

• Discipando a Tirania (Piet Prins)

• Diretório de Culto de Westminster (Teólogos de Westminster)

• Fazendo a Fé Naufragar: Evangélicos e Católicos Juntos (Kevin Reed)

• Figuras do Varão, um diálogo... (Manoel Canuto)

• Gênesis (Série Comentários Bíblicos Livro 1)

• Gênesis (Série Comentários Bíblicos Livro 2)

• Governo Bíblico de Igreja (Kevin Reed)

• João Calvino era Assim: A Vibrante História de um dos Grandes Líderes da Reforma (Thea B. Van Halsema)

• Neocalvinismo — Uma avaliação crítica (Cornelis Pronk)

• No Esplendor da Santidade (Jon Payne)

• O Berçário do Espírito Santo: Acolhendo as Crianças no Culto (Daniel Hyde)

• O Catecismo de Heidelberg (Zacarias Ursinos e Gaspar Olevianus)

• O Cristo dos Profetas (O. Palmer Robertson)

• O Espírito Santo (John Owen)

• O Espírito Santo: Esboço de Teologia Cristã (Sinclair B. Ferguson)

• O Herege Glorioso e Três Homens Chegaram a Heidelberg (Thea Van Halsema)

• O Livro da Vida (Valter Graciano)

• O Modernismo e a Inerrância Bíblica (Brian Schwertley)

• O Presbítero Regentes: Natureza, Deveres e Qualificações (Samuel Miller)

• O Que é a Fé Reformada (John De Witt, Terry Johnson e F. Solano Portela)

• O Uso de Imagens de Jesus (Manoel Canuto)

• Os Cânones de Dort (Teólogos do Sínodo de Dort)

• O Pacto da Graça: Um Estudo Bíblico-Teológico (John Murray)

• Os Puritanos e a Lei Moral (Alan Rennê)

• Perspectivas Sobre o Pentecostes: Estudos sobre o Ensino do Novo Testamento Acerca dos Dons (Richard Gaffin)

• Por Que Devemos Cantar os Salmos (Joel Beeke, Terry L. Johnson e Daniel Hyde)

• Quando o Dia Nasceu (Pieter Jongeling)

• Que é um Culto Reformado (Daniel Hyde)

• Reforma Ontem, Hoje e Amanhã (Carl Trueman)

• Saudades de Casa: Uma Jornada Através dos Salmos dos Degraus (J. Stephen Yuille)

• Todo o Conselho de Deus... (Ryan McGraw)

• Uma Esperança Adiada (J. Stephen Yuille)

• Um Trabalho de Amor: Prioridades pastorais de um puritano (J. Stephen Yuille)

OUTROS TÍTULOS IMPRESSOS SOB DEMANDA DA EDITORA CLIRE E OS PURITANOS

• A Ceia do Senhor (Thomas Watson)

• Adoração Reformada: A Adoração que é de Acordo com as Escrituras (Terry Johnson)

• A Feminilidade Bíblica e a Esposa de Lutero (Valdecélia Martins)

• A Igreja de Cristo (James Bannerman)

• A Igreja no Velho Testamento (Paulo Brasil)

• A Palavra Final (O. Palmer Robertson)

• A Vida do Profeta Elias (A. W. Pink)

• A Visão Federal e os Padrões de Westminster (Alan Rennê)

• As Bases Bíblicas para o Batismo Infantil (Dwight Hervey Small)

• As Obras de João Calvino — Volume 1 (João Calvino)

• As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas

• Calvino e Seus Inimigos: Memórias da Vida, Caráter e Princípios do Reformador (Thomas Smyth)

• Catecismo Maior de Westminster: Origem e Composição (Chad B. Van Dixhoorn)

• Crente Também Tem Depressão (David Murray)

• Diretório de Culto de Westminster (Teólogos de Westminster)

• Gênesis (Série Comentários Bíblicos Livro 1)

• Gênesis (Série Comentários Bíblicos Livro 2)

• João Calvino era Assim: A Vibrante História de um dos Grandes Líderes da Reforma (Thea B. Van Halsema)

• No Esplendor da Santidade (Jon Payne)

• O Berçário do Espírito Santo: Acolhendo as Crianças no Culto (Daniel Hyde)

• O Cristo dos Profetas (O. Palmer Robertson)

• O Espírito Santo (John Owen)

• O Espírito Santo: Esboço de Teologia Cristã (Sinclair B. Ferguson)

• O Herege Glorioso e Três Homens Chegaram a Heidelberg (Thea Van Halsema)

• O Que é a Fé Reformada (John De Witt, Terry Johnson e F. Solano Portela)

• O Pacto da Graça: Um Estudo Bíblico-Teológico (John Murray)

• Os Puritanos e a Lei Moral (Alan Rennê)

• Perspectivas Sobre o Pentecostes: Estudos sobre o Ensino do Novo Testamento Acerca dos Dons (Richard Gaffin)

• Por Que Devemos Cantar os Salmos (Joel Beeke, Terry L. Johnson e Daniel Hyde)

• Que é um Culto Reformado (Daniel Hyde)

• Reforma Ontem, Hoje e Amanhã (Carl Trueman)

• Saudades de Casa: Uma Jornada Através dos Salmos dos Degraus (J. Stephen Yuille)

• Uma Esperança Adiada (J. Stephen Yuille)

• Um Trabalho de Amor: Prioridades pastorais de um puritano (J. Stephen Yuille)

CONHEÇA NOSSA LOJA E ADQUIRA OUTROS TÍTULOS IMPRESSOS, PARCELADOS E COM DESCONTOS ESPECIAIS